

---

## Teoria da comunicação e decolonialidade: considerações sobre a proposta latino-americana<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Souza Aguiar<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

A busca pela construção de uma teoria da comunicação da e para América Latina, que marca o cenário intelectual das últimas décadas, pode ser inserida dentro do chamado giro decolonial por ser, ao mesmo tempo, um chamado de resistência e por possuir uma crítica subjacente à colonialidade do poder e seu correlato conceito de comunicação, muitas vezes reduzido a uma mera transmissão tecnológica. O objetivo deste texto é apresentar a proposta latino-americana de decolonização da Comunicação e refletir sobre os limites e possibilidades de um possível ensino decolonial da Teoria da Comunicação na graduação em Comunicação Social no contexto brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria da Comunicação; Decolonialidade; Ensino Superior; Tecnologias da Comunicação.

### INTRODUÇÃO

No Brasil, as ementas dos componentes curriculares dos cursos de Comunicação Social e os principais manuais indicados em suas bibliografias apontam para uma trajetória formativa em Teoria da Comunicação que percorre os cânones consagrados do pensamento comunicacional, normalmente organizados em escolas de pensamento com base no critério geográfico, a maioria localizada no Norte global. Essa trajetória é considerada um caminho obrigatório para os estudantes de Comunicação Social, geralmente nos primeiros semestres, visando familiarizá-los com o campo e desenvolver uma postura crítica e ética em relação à sua atividade profissional. Uma exceção a esse cenário é a introdução da chamada Escola Latino-Americana nas ementas, onde se prioriza a apresentação da abordagem de Jesús Martín-Barbero e seu conceito de mediação. Nessa organização, a abordagem latino-americana fica diluída como uma opção entre outras, relativizando-se diante das concorrentes mais "colonialistas".

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Teorias da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela *Université Sorbonne Paris Cité*. Realiza estágio pós-doutoral na UFRJ e é professor da Fapcom, e-mail: cadu.s.aguiar@gmail.com

---

No entanto, mais do que apenas mais uma Teoria da Comunicação tentando abordar fenômenos específicos da América Latina, a busca pela construção de uma Teoria da Comunicação da e para América Latina, que marca o cenário intelectual das últimas décadas, e que não se resume ao protagonismo de Barbero, pode ser inserida dentro do chamado giro decolonial por ser, ao mesmo tempo, um chamado de resistência e por possuir uma crítica subjacente à colonialidade do poder e seu correlato conceito de comunicação reduzido à ideia de transmissão tecnológica de mensagens.

Neste trabalho, buscamos avaliar a proposta latino-americana de decolonização da epistemologia da Comunicação e refletir sobre o possível impacto dessa empreitada no ensino da Teoria da Comunicação. Inicialmente, analisaremos a emergência da teoria decolonial, destacando como ela se configura principalmente como um movimento de desvelamento da estrutura do poder globalmente hegemônico, sendo assim uma teoria voltada para o sistema-mundo. Em seguida, examinaremos até que ponto a proposta teórica latino-americana de Teoria da Comunicação se encaixa no contexto do giro decolonial. Por fim, refletiremos sobre as possibilidades e limitações de um ensino decolonial da Teoria da Comunicação no contexto brasileiro.

## **A TEORIA DA DECOLONIALIDADE**

O pensamento decolonial marca a paisagem intelectual da América Latina a partir do final do século passado e pode ser lido como um movimento de resistência contra o que o seu maior expoente, o pensador peruano Aníbal Quijano (1992), chama de “colonialidade do poder”. Esse conceito é central no pensamento decolonial e refere-se ao processo de consolidação do sistema-mundo, que mais especificamente é um sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal (GROSFOGUEL, 2008). Por isso, a teoria decolonial não é uma teoria voltada para a América Latina, mas para o sistema-mundo.

Tendo suas origens na formação do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), a teoria decolonial é, acima de tudo, uma reivindicação da desconstrução da modernidade, tendo sido necessária, pois, na visão do M/C, os estudos culturais, pós-coloniais e subalternos não romperam suficiente com o eurocentrismo. Assim, o primeiro passo para esse empreendimento de desconstrução é uma torção no olhar por meio de um

---

radical reordenamento histórico que inverte a ordem de precedência: não é a Europa que inventa a América, mas o contrário. A América não é o ponto de apoio para a criação do centro, a Europa, mas a fonte da qual emana o mundo moderno. Logo, a emergência da América não é algo periférico, mas central na consolidação da modernidade, do capitalismo e na própria invenção da Europa. A América forjou, no limite, o sistema-mundo-colonial-moderno (SEGATO, 2021).

Se a criação dessa entidade, a América, é o ato constitutivo do sistema-mundo, o seu correlato foi a invenção do racismo, base para organizar a exploração do mundo moderno. A raça é inventada e converte-se em um poderoso instrumento de expropriação. A raça é essa dimensão determinante para a perspectiva da decolonialidade, fundando a ordem mundial moderna. O próprio eurocentrismo é o gesto colonial por excelência que estabelece uma hierarquia na qual o branco é referido como superior, evoluído e civilizado, e o não-branco como primitivo. É essa hierarquia que permitiu e permite a organização do trabalho, que é a própria raiz do controle do sistema, e o que gerou o apagamento epistêmico na medida em que o eurocentrismo se apresenta como uma forma de conhecimento neutro e objetivo. Acompanha o eurocentrismo, portanto, um tipo de racionalidade instrumental e tecnocrática que culmina na colonialidade da natureza, sendo que a invenção de sua exterioridade é a condição para a expropriação dos recursos, base do paradigma do progresso ocidental.

A colonialidade é um conceito, em suma, que ressalta o legado contínuo do colonialismo nas sociedades contemporâneas, evidenciado por múltiplas formas de discriminação que persistem mesmo após o término formal do colonialismo, integrando-se às estruturas sociais pós-coloniais e, principalmente, às epistemologias: “O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como esfera central de orientação valorativa do conjunto” (QUIJANO, 2005, p. 124).

Se considerarmos que o colonialismo se refere a um período histórico específico e está fundamentado em uma ideologia que valida e justifica a dominação colonial, a colonialidade vai além desse período ao indicar a perpetuação das estruturas sociais resultantes, por meio da difusão de uma perspectiva de conhecimento baseada em princípios eurocêntricos que menosprezam e reprimem outras formas de saberes.

---

Dessa forma, a colonialidade refere-se à internalização da dominação colonial, que perdura mesmo após o desaparecimento das administrações coloniais em si, configurando-se como um fenômeno complexo que se refere a um padrão de poder baseado na naturalização das hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, possibilitando que o eurocentrismo perdure. Assim, a colonialidade se desvelou como um processo profundo e duradouro, sendo esse o verdadeiro lado obscuro da modernidade (MIGNOLO, 2017), sobretudo por conta da continuidade da reprodução de relações de dominação colonial.

A proposta da teoria decolonial é uma subversão do poder do sistema-mundo por meio da qual o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2011) denomina o giro decolonial. Trata-se de um chamado de resistência que propõe uma releitura do passado, uma reconfiguração do presente e um retorno do futuro. O fundamental aqui a ressaltar é que não se trata de uma descolonização, porque de modo algum se trata de um retorno no sentido de um movimento de nostalgia. Antes, trata-se de uma retomada de um caminho bloqueado pela razão tecnocrática, um trabalho nas brechas e fraturas da própria realidade social existente. O giro decolonial não se limita apenas a descolonização do pensamento, representa, antes, a transição para uma crítica da modernidade, uma outra abordagem que resulta em contrapor uma política de amor à política de morte da colonialidade-modernidade.

## **COLONIALIDADE DO PODER E COMUNICAÇÃO**

Quais as possíveis relações entre esse debate sobre a teoria decolonial e o campo da comunicação e, mais especificamente, com a teoria da comunicação? A primeira aproximação é o entendimento de que a colonialidade do poder tem um instrumento poderoso nesse processo de interiorização da dominação e da naturalização do eurocentrismo que é a comunicação tecnologicamente mediada. O desenvolvimento dos meios modernos de comunicação de massa, que coincide com o fim do colonialismo e a ascensão da colonialidade, desempenha um papel fundamental nessa interiorização da dominação colonial, como no próprio entendimento do que é, ou deveria ser, a comunicação. Nesse sentido, as mídias, como o cinema, o rádio e a televisão, são

---

ferramentas eficazes de disseminação dessa visão do sistema-mundo, perpetuando estereótipos, valores e ideologias coloniais, mas sobretudo hierarquias de poder (DORFMAN; MATTELART, 1980), além de reproduzir a lógica de divisão internacional do trabalho no campo da cultura de massa, em torno da imagem de um centro emissor e de uma periferia receptora. Lélia Gonzalez, analisando a perpetuação do sexismo e do racismo na sociedade brasileira, resultado direto da colonialidade do poder, assinala papel parecido aos meios de comunicação de massa:

O racismo latino- americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais (GONZALEZ, 2020, p. 131).

Além desse efeito mais utilitário das comunicações de massa como disseminadores da colonialidade, é preciso pontuar igualmente o papel das tecnologias, em particular as de comunicação, na impregnação da racionalidade típica do eurocentrismo no próprio tecido social. Como destacado por Muniz Sodré (2014), a comunicação moderna, isto é, mediada tecnologicamente e reduzida ao caráter transmissivo, acabou se sobressaindo ao sentido original de ação comum. Logo, independe do conteúdo transmitido, difunde-se uma certa visão de mundo, que é eurocêntrica: “Hoje, é o próprio acontecimento da realização tecnológica, o seu acabamento histórico como ápice da racionalidade ocidental, pressionado pela energia da informação enquanto eficiente operadora da economia financeira, que revela a natureza organizativa da comunicação” (SODRÉ, 2014, p. 13). Essa perspectiva foi, em grande medida, antecipada por Adorno e Horkheimer (2006) em suas reflexões sobre a Indústria Cultural. A cultura que sempre foi esse lugar de resistência e protesto contra as opressões e exclusões, passa, com a Indústria Cultural, a ser o lugar do conformismo e da manutenção da realidade. Não é exatamente o conteúdo desses meios que é manipulador ou alienante, mas a própria racionalidade técnica imbuída em toda essa produção, que ratifica a lógica da dominação.

Por isso, a ideologia, que é a própria colonialidade, não é apenas transmitida pelos meios de comunicação, mas está na própria engrenagem tecnológica e na sua

---

práxis. O chamado receptor não escolhe ou deseja nada. O seu gosto já está programado pelo polo da produção, um gosto que é acima de tudo colonial e que intensifica a assimilação cultural. Daí o papel decisivo dos meios de comunicação no controle do imaginário dos dominados.

O chamado cânone da teoria da comunicação, reflete, em grande medida, esse reducionismo do que é, ou deveria ser, a comunicação, abordando quase que exclusivamente a dimensão tecnológica do processo. Soma-se a isso o fato de serem teorias desenvolvidas no Norte global e que, portanto, refletem a epistemologia eurocêntrica.

Erick Torrico (2022, 2018, 2019), enfatiza a importância da epistemologia da comunicação no processo de desconstrução e decolonização. Ele argumenta que a colonialidade afetou a epistemologia da comunicação, limitando o escopo dos estudos apenas aos fenômenos mediados tecnologicamente. Isso implica que a compreensão da comunicação deve ser ampliada e descolonizada, levando em consideração outras formas de conhecimento e experiências que foram marginalizadas ou invisibilizadas pelo paradigma colonial.

Esse viés colonialista tem sido observado desde os estágios iniciais da teoria da comunicação, tanto nas pesquisas administrativas americanas quanto nas abordagens críticas europeias. Embora aparentemente haja diferenças entre essas abordagens, elas compartilham uma adesão à ideia de modernidade e à própria concepção da Comunicação, o que Torrico denomina comunicação centrada, convertida em padrão canônico, sendo essa concepção um dos elos mais fortes de perpetuação da colonialidade. Eloína Lara (2022) nos lembra como no cenário sul-americano novas abordagens começaram a ser formuladas contra esse padrão colonialista, o que inclui contribuições como a Comunicologia da Libertação de Beltrán e os conceitos de Comunicação Alternativa, Comunitária e Popular. Ainda assim, mesmo essa abordagem que Torrico denomina de crítico-utópica, apesar de criticar o pragmatismo, denunciar a alienação e buscar a integração dos processos comunicacionais para fins de independência, ainda perpetua a dominação das perspectivas do eurocentrismo na formulação da Comunicação.

---

O processo de decolonização envolve, antes de mais nada, resgatar um entendimento de comunicação que vai além do aspecto tecnológico, ou seja, que não se limita a ser um instrumento de disseminação da visão de mundo colonial, moderna e ocidental. Segundo Torrico, a visão predominante reduz a comunicação a um mero recurso instrumental e invariavelmente tecnológico. Essa perspectiva considera a comunicação como um processo de transmissão de informações e conteúdos que desempenha funções de controle social, buscando determinados efeitos em receptores passivos. Nesse contexto, os receptores são objetificados, apesar de se reconhecer que possuem algum grau de discernimento. Dessa forma, há uma hierarquia colonial implícita, em que o emissor é o colonizador e o receptor é o colonizado, perpetuando o colonialismo e resultando na desumanização e incomunicação.

### **POSSIBILIDADES E LIMITES DE UM ENSINO DECOLONIAL DA COMUNICAÇÃO**

O objetivo da proposta decolonial da comunicação não é encontrar brechas dentro do sistema econômico/comunicacional existente, mas sim desestruturar a própria lógica colonial por meio da mobilização do conceito de subalternidade. Parte-se do pressuposto de que a condição colonial implica na negação da humanidade dos povos não europeus, resultando em uma situação de in-comunicação. Assim, a ideia de subalternidade permite uma reflexão crítica e orientada para a libertação ao levar em consideração as interseções de várias formas de opressão, como raça, gênero e idade.

É por isso que a luta decolonial na comunicação ocorre principalmente no campo epistemológico, pois é aí que se busca remover as restrições que transformam a comunicação em um mero instrumento de poder, tornando seu estudo, a Comunicação, uma disciplina aplicada e útil apenas para garantir a eficácia dos emissores corporativos. Nesse sentido, é destacada a importância do diálogo e da convivência na comunicação, onde diferentes perspectivas e cosmovisões têm protagonismo garantido. Faz parte dessa proposta um afastamento da dimensão tecnológica que se dá porque, na perspectiva decolonial, a comunicação é, antes de tudo, um processo dialógico e convivial, identificando na tecnologia o elemento mais poderoso na perpetuação da colonialidade.

---

A proposta de Torrico é de uma comunicação ex-cêntrica, não no sentido coloquial de algo estranho ou peculiar, mas sim no sentido de se afastar do centro. Essa abordagem está alinhada com a tradição latino-americana, que sempre enfatizou mais os processos e experiências culturais do que as mídias ou a indústria em si (RINCÓN, 2018). Os precursores Antonio Pasquali, Paulo Freire, Luis Ramiro Beltrán e Jesús Martín-Barbero, cujas abordagens configuram o núcleo da episteme crítica comunicacional latino-americana, apresentaram “referências claras à situação de sub/alternização, coação epistêmica e violência cognitiva (Torrico, 2018, p. 76, tradução nossa). Assim, entre as décadas de 1960 e 1980, esses autores oferecem alternativas à colonialidade por meio da transformação das estruturas que compunham e ainda compõem os meios de comunicação de massa na América Latina. Portanto, é essencial continuar e aprofundar essa atitude de afastamento do centrado, pois ela desempenha um papel fundamental na humanização da comunicação e na afirmação libertadora da alteridade que foi ocultada pela dominação.

A Comunicação decolonial é caracterizada, ainda segundo Torrico, pelo que ele define de tripla alter/n/atividade. Ou seja, pelo direito de uma alteridade alternativa epistemológico-teórica (alternativa); pelo reconhecimento do caráter local-nativo historicizado dessa alteridade (alter/nativa); e, finalmente, pela proposta de alteração do status quo (alter/nativa). Através desse tripé, busca-se resgatar a dimensão dialógica, democratizante e humanizadora da comunicação, que sempre existiu e continua resistindo, apesar da epistemologia da comunicação ocidental limitar o fenômeno apenas aos dispositivos mecânicos.

A formulação de um pensamento comunicacional decolonial deve se fundamentar em um diálogo consciente com e entre pretos, pardos, povos tradicionais, pobres, mulheres cis e trans, e todos aqueles que estão à margem na perspectiva das estruturas de poder. Um pensamento comunicacional decolonial deve se engajar, portanto, não em “dar voz” a essas pessoas, povos e comunidades, perspectiva ainda centrada em uma formulação moderna e liberal de diversidade, mas em deixá-las falar e sabê-las ouvir com base também nas suas diferenças e diferenciações. Isso significa inverter o próprio entendimento do que é centro e do que é periferia, direcionando a narrativa do Outro desses Outros, isto é, do homem branco, cis, heterossexual, cristão, capitalista ou matéria-prima humana do capitalista, europeu ou que se pretende europeu,

---

para a margem, dando a essa narrativa o caráter de uma narrativa entre outras, retirando dela a suposta ideia de validade universal presente na tradição cartesiana e no universalismo abstrato que define e sustenta o eurocentrismo.

Se a teoria e projeto decolonial tem como objetivo final intervir na realidade social, no campo da comunicação decolonial essa intervenção também deve ocorrer no âmbito do ensino de comunicação, em particular no ensino da Teoria da Comunicação. A questão vai muito além de um esforço de montagem do plano de ensino, mas qual tipo de abordagem a ser mobilizada em face do conteúdo programático escolhido. Colocar um tópico dedicado à Escola Latino-Americana ou “outras epistemologias” dentre as diferentes perspectivas oriundas do Norte global, adotando uma postura de pretensa diversidade teórica, nos parece insuficiente. Reproduz a prática liberal bastante comum em tempos de capitalismo tardio na qual a perspectiva da diversidade naturaliza e cristaliza a diferença e a identidade, justamente por uma postura pedagógica de respeito e tolerância.

Não nos parece uma abordagem suficiente para uma pedagogia crítica e questionadora, como também é insuficiente construir um plano de ensino que ignore o chamado cânone ocidental para partir exclusivamente de uma ideia nativa de comunicação. Isso se dá porque muitas perspectivas do Norte global podem ser úteis nesse entendimento da formação da colonialidade do poder e, sobretudo, porque o processo de desconstrução do eurocentrismo pressupõe um bom conhecimento de seus pressupostos e fundamentos. O essencial, portanto, é uma abordagem decolonial que convide os discentes a examinar as diferentes contribuições teóricas, inclusive as latino-americanas, considerando o pano de fundo local e a não neutralidade de nenhuma epistemologia. Mais do que o conteúdo programático, o fundamental no ensino decolonial da Teoria da Comunicação é essa postura crítica diante das diferentes abordagens e o estímulo por discernir um entendimento de comunicação que dê conta dos novos dinamismo sociais que surgem na nossa contemporaneidade, inclusive com o diálogo com as tecnologias digitais e em rede que, igualmente, não precisam ser necessariamente entendidas como instrumentos da colonialidade (AGUIAR, 2023).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Esse chamado pela decolonização entende a comunicação como um processo humano e social fundamental e como uma prática cotidiana. É essencial resgatar seu potencial libertador em todas as suas manifestações, se afastando do cálculo custo-benefício, da produtividade e da competitividade. Para isso, é necessário adotar uma compreensão decolonizada da comunicação, condição necessária para alcançar essa transformação. Como uma perspectiva transformadora, a descolonização da comunicação se propõe a ser um novo caminho utópico na luta contra a segregação epistêmica, tendo como propósito restaurar uma forma de comunicação que humaniza, reconhecendo a importância do diálogo e do respeito às múltiplas vozes e experiências. Espera-se que essa ampliação epistemológica permita uma análise mais abrangente e inclusiva dos processos de comunicação, afinal é uma abordagem que busca ir além da visão tecnocrática e instrumental da comunicação, rejeitando a sua redução a meros meios técnicos. Se a comunicação centrada, por meio dos mais recentes aparatos e sistemas tecnológicos, desconecta, separa e desterritorializa, o desafio da comunicação decolonial é a reconexão, é a reorganização do comum para além da racionalidade instrumental.

Como vimos neste texto, a abordagem decolonial da comunicação apresenta desafios no ensino da Teoria da Comunicação, sobretudo em como lidar com os cânones estabelecidos, praticamente todos oriundos do Norte global. A trajetória tradicional, dominada pelas perspectivas eurocêntricas, tem obscurecido a rica diversidade de vozes e experiências, perpetuando estruturas de poder e hierarquias coloniais. No contexto brasileiro, é fundamental refletir sobre os limites e possibilidades de um ensino decolonial da Teoria da Comunicação na graduação em comunicação social. Isso envolve questionar os currículos e as metodologias de ensino que reproduzem a visão eurocêntrica e colonial, bem como incentivar a inserção de perspectivas latino-americanas, indígenas, quilombolas nos conteúdos e debates acadêmicos.

Assim, entre a rejeição total e a inclusão de um tópico decolonial entre os clássicos, sugere-se que o fundamental é o desenvolvimento e incitação de um olhar crítico e decolonial em direção às diferentes abordagens e que exercite esse olhar também em direção à tecnologia que, não necessariamente, é um instrumento da decolonidade. Não se trata, pois, de uma tentativa de reconstrução de comunicação

---

pré-moderna/pré-colonial, mas de um compromisso contínuo com a multiplicidade de perspectivas. Assim, estaremos mais atentos aos novos dinamismos sociais em rede, às tecnopolíticas e aos diferentes ativismos que marcam nossa realidade latino-americana.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AGUIAR, C. E. S. A DECOLONIALIDADE DA COMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DA TÉCNICA. **32º Encontro Anual da Compós**, 1–18, 2023

DORFMAN, A.; MATTELART, A. **Para Ler O Pato Donald**: Comunicação De Massa E Colonialismo. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFUGUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115–147, 1 mar. 2008.

LARA, E. Hacia la Comunicación (en)clave decolonial. Acercamientos y articulaciones. *In*: SARDINHA, A.; LIMA, V.; LARA, E.; BELMONTE, V. (orgs.). **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Macapá: Editora UNIFAP, 2022.

MALDONADO-TORRES, N. El pensamiento filosófico del “giro descolonizador”. *In*: BOHORQUEZ, C. L.; DUSSEL, E.; MENDIETA, E. (orgs.). **El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y latino (1300-2000)**: historia, corrientes, temas y filósofos. México: Siglo XXI, 2011.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 01, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. 2005. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

RINCÓN, O. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 65, 3 maio 2018.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TORRICO, E. **Comunicación (re)humanizadora: Ruta decolonial**. Quito: Ediciones Ciespal, 2022.

TORRICO, E. LA COMUNICACIÓN DECOLONIAL, PERSPECTIVA IN/SURGENTE.  
**Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 28, 28 set. 2018.

TORRICO, E. Para uma Comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, v. 13, n. 3, p. 89–107, 26 dez. 2019